

## MOMENTO DO AGRONEGÓCIO BENEFICIA O RS

ÉDI PEREIRA / DIVULGAÇÃO / CP



**FRANCISCO TURRA**  
Presidente-executivo da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) e ex-ministro da Agricultura

O país está entrando em um novo momento econômico, um período de retomada da confiança, de reformas importantes e de uma reabertura comercial para o mundo. Essa é uma oportunidade de ouro para alavancar ainda mais o principal setor produtivo da nação: o agronegócio. E isso tende a beneficiar o Rio Grande do Sul também.

Faz tempo que as atividades no campo vêm salvando a lavoura. Mesmo com a retração de 3,8% no PIB nacional registrada no ano passado — a maior queda em 25 anos —, a produção agropecuária cresceu 1,8% em relação a 2014. O Brasil hoje está no topo do cultivo e da exportação de açúcar, café, suco de laranja e soja.

Em relação à proteína animal, somos um dos mercados mais robustos. Com um PIB total de R\$ 80 bilhões, juntas, as cadeias produtivas avícolas e suínícolas geram cerca de 1,7 milhão de empregos diretos — mais de 400 mil apenas em plan-

tas frigoríficas —, chegando a 4,2 milhões de postos de trabalho entre diretos e indiretos. O setor é responsável por 4,1% das exportações totais do Brasil e 10% do *share* nos embarques do agro.

Aliás, o comércio externo tem servido de esteio diante de um mercado interno desaquecido pela grave recessão que enfrentamos. Os maiores esforços setoriais estão sendo direcionados à manutenção dos empregos e na busca de novos parceiros comerciais, como a Coreia do Sul — terceiro maior consumidor de produtos suínos no mundo.

Há desafios, mas as perspectivas para os próximos anos são animadoras. Temos que efetivar políticas de aproximação comercial, com medidas que tornem o país mais amigável para produtores e investidores. Estamos na 75ª posição no ranking de competitividade divulgado no Fórum Econômico Mundial, em 2015. O Brasil ainda é um país isolado, com ape-

nas cinco acordos comerciais regionais, contra 26 do Chile, por exemplo.

A conjuntura econômica internacional favorece o nosso avanço. O crescimento do PIB per capita e da própria população mundial indica também um aumento no consumo de alimentos. De acordo com o Rabobank, a demanda global por carnes cresce na média de 1,4% ao ano, índice que será mantido por pelo menos mais uma década. Isso significa 45 milhões de toneladas. A estagnação da produção chinesa, ameaçada por uma crise hídrica, e o arrefecimento da indústria americana no setor, abre um novo campo de possibilidades para o Brasil.

Temos tudo para prosperar: clima adequado, responsabilidade ambiental, gente empreendedora. Para reafirmar a vocação de pátria produtora de alimentos, o Brasil precisa investir mais no produtor e na agroindústria. Acreditar em quem gera emprego, renda e riqueza para o país.

**A**pata de cavalo, a dente de cachorro e a gritos vou repontando esta minha sina de escrever sobre o Sul de nós mesmos. Tirando a literatura do mato como se fosse novilha gaviana. Assim me vou, de rédea curta, com o chapéu tapeado, ouvindo o tilintar das chilenas e tentando a barbela do freio. Não me importo com a cor do pelo nem com o tamanho da aspa do torena. Para quem vive enforquilhado, uma rodada é coisa pouca. Por isso, parceiro, tem a hora da gritaria, da balbúrdia, da cachorrada, mas existe também o momento de se assobiar miúdo, fazer “bichinho” com a boca para não assustar as palavras, como se faz com redomão recém domado. Cuido daquilo que gosto e escrevo todos os dias pensando nessa gente humilde que ainda vive à beira dos corredores sem fim da campanha, nos fundões de campo, nos casebres simplórios de chão batido. Desculpem-me os homens de fama, poder e recursos, porque também entre eles existem os retos e generosos, mas me criei entre os deserdados, os feridos, os estropiados, os esculachados, os miseráveis que perambulam dia e noite pelos confins do medo e da desesperança.

Quando passo pela porta dessas lanchonetes aqui na capital e enxergo as garrafas empilhadas nas prateleiras de vidro, logo me vem à cabeça meu velho bolicho beira



## CAMPEREADA

PAULO MENDES

pmendes@correiodopovo.com.br

## Reponte

de estrada. O balcão riscado de faca, o cheiro do fumo em rama, a balança bico-de-pato, as latas de sardinha, as tuias cheias até a boca de arroz e feijão, as sacas de farinha de trigo, os biscoitões, o sorvete seco, os tijolinhos, as garrafas de cachaça lado a lado (que iam sendo consumidas lentamente, dia a dia), os bancos, os cepos e as cadeiras de palha com os assentos barbudos. Pela porta escancarada, tínhamos pena dos cuscos assoleados, língua de fora, debaixo dos ciprestes, e víamos, ao longe, as tropas, as carretas, os tratores, os gaúchos a pé e de

bicicleta, uns bem montados, outros só com freio e pelego na mão. Ah, meus amigos, foi naquele tosco confessionário campeiro que ouvi as mazelas do povo sofrido, dos tropeiros, dos changeiros, dos alambreadores, dos esquiladores, dos domadores, dos motoristas, dos lavradores e até dos curandeiros, dos carpeteiros e dos carreiristas de cancha reta.

Daqui onde estou, vejo uma montanha em que a cidade avançou e uma nesga de mato, uma pequena estradinha que lembra um antigo corredor da infância, de terra vermelha e batida. Volto no tempo e sou guri, outra vez, montado no Tostado, só com um pelego apertado pelo cinchão. Os aramados dos dois lados, gado charolês numa invernoada, uma tropilha de Crioulos na outra. Firmo a vista e estou, outra vez, repontando um lote de vacas leiteiras para saltarem no banheiro dos Abreu. Olha lá, a Zebua, vaca boa de leite, a Pretinha, a Picaça, a Bezinha e até o terneirinho jaguané que morreu quebrado numa toca de tatu. O passado e o presente se confundem na minha mente saudosa e inventiva.

Meus amigos, reponto uma tropa de perguntas que ficam sem respostas, por serem teatinas. Eu crio e recrio e também sou imaginário do pago. E me vou, repontando a vida, revendo saudades e adivinhando por quem ainda bate o coração da gauchada.

## COTAÇÕES &amp; MERCADO

## Preços ao produtor (em R\$) – Emater

Produto	Unidade	Mínimo	Médio	Máximo
Arroz em casca	saco 50 kg	46,00	48,37	51,00
Feijão	saco 60 kg	160,00	218,83	300,00
Milho	saco 60 kg	36,00	39,15	45,00
Soja	saco 60 kg	65,00	69,36	76,00
Sorgo	saco 60 kg	33,15	37,95	42,60
Trigo	saco 60 kg	28,00	30,44	36,00
Boi gordo	kg vivo *	4,60	4,90	5,40
Vaca gorda	kg vivo *	4,00	4,37	5,00
Suíno	kg vivo	2,90	3,38	4,05
Cordeiro p/ abate	kg vivo *	5,25	5,75	6,50
Leite	litro	0,95	1,13	1,33

Semana de 14/11/2016 a 19/11/2016 | \* Prazos de 20 ou 30 dias

## BRASIL

## Produção (em mil toneladas)

Produto	Safra 2015/16	Safra 2016/17
Arroz	10.602,9	11.496,8 a 12.081,4
Feijão	2.514,9	3.037,1 a 3.110,5
Milho	66.570,8	83.135,1 a 84.628,8
Soja	95.434,6	101.595,9 a 103.513,1
Trigo	6.300,8	6.300,8

## Área (em mil hectares)

Produto	Safra 2015/16	Safra 2016/17
Arroz	2.007,8	1.985,7 a 2.094,9
Feijão	2.837,5	2.942,1 a 3.000,3
Milho	15.922,5	15.966,1 a 16.268,8
Soja	33.251,9	33.360,1 a 33.995,3
Trigo	2.116,5	2.116,5

## RIO GRANDE DO SUL

## Produção (em mil toneladas)

Produto	Safra 2015/16	Safra 2016/17
Arroz	7.356,6	8.258,6 a 8.630,0
Feijão	122,0	113,7 a 138,0
Milho	5.892,7	5.108,6 a 5.260,4
Soja	16.201,4	15.464,4 a 15.604,4
Trigo	1.464,2	2.237,5

## Área (em mil hectares)

Produto	Safra 2015/16	Safra 2016/17
Arroz	1.076,0	1.100,7 a 1.150,2
Feijão	67,9	67,4 a 81,4
Milho	823,0	831,2 a 855,9
Soja	5.455,0	5.422,3 a 5.471,4
Trigo	861,3	776,9

Dados do 2º Levantamento de Safra da Conab

faleconosco@grupodb.com.br

(55) 3281.0123

/DagobertoBarcellos

www.grupodb.com.br

Onde tem  
**TERRA PRODUTIVA,**  
tem calcário DB



O calcário DB possui alto índice de pureza e alto grau de finura facilitando a sua absorção e garantindo maior força no PRNT. Um produto que atende as necessidades da agricultura de precisão.

Produzindo com a natureza!